

## COMO UM ESPELHO .../ FRAGMENTOS D'ALMA

É com o maior prazer que o MUSEU DOS BISCAINHOS convida o Pintor VICTOR DA SILVA BARROS a apresentar, na antiga urbe dos Arcebispos, o seu irrefutável talento, através dos textos pictóricos que são expressão dos percursos por onde o seu fértil imaginário deambulou ao longo da década de oitenta.

A sua pintura transmite referências mentais e emocionais que, muito embora personalizadas pelo conteúdo existencial e pela arte de Victor Barros, corresponde, no entanto, a um subconsciente colectivo, pois que nos falamos dos mundos sensíveis, irracionais e densos, comuns a todos nós, onde a realidade se equaciona segundo leis cujas chaves de leitura escapam ao saber hodierno.

Todo um potencial recriativo das emoções, medos, angústias e desejos que perpassam ou consolidam o nosso existir, se manifesta nestes quadros, face aos quais não poderemos quedar-nos insensíveis, pois que não será só o olhar a percorrer-los mas as camadas profundas e intensas que, para além do consciente, nos acompanham e tantas vezes definem.

Como um espelho, reflexo fragmentado da alma ou do inconsciente, a pintura de Victor Barros, na qual se reconhecem raízes e filiações um pouco recuadas no tempo como o surrealismo de Salvador Dalí, Giorgio De Chirico e de René Magritte, mantém a actualidade do que é intemporal e pleno pois fala uma linguagem comum às raças e às sucessões épocas.

Como um desafio, na coragem de dizer — um dizer pictórico —, o que se guarda nos recônditos do "eu", assumindo as perturbações, os paradoxos intelectuais e emocionais, a solidão — como seres que somos caminhando eternamente para o mistério da morte que é sempre um fenómeno solitário —, a nostalgia absurda pela unicidade que sentimos ter vivido e que se expressa na procura

persistente do "outro eu", do complemento, do amor verdadeiro, pleno e essencial.

Refere-se a fórmula de representação constituída por planos de imagens, definidos, sobrepostos ou fundidos, límpidos ou difusos, infinitos ou aprisionados no limite do espaço, à semelhança do entretecer do pensamento entrecruzado ou antagónico da emoção solitária do homem que, sendo absoluto, vive ainda perdido dentro de si, incapaz de entender e vivenciar a sua sublimidade.

A pintura é assiduamente iluminada pela crueza de uma luz que compõe e recria a atmosfera, provocando uma violência visual, que significará o homem verdadeiro, despido dos rituais sociais, despojado da aculturação que lhe é tecida desde há milénios e que o engendra e formatiza desde o nascimento até à morte.

Esta luz que desvenda o homem projectado nos seus próprios fantasmas — crues, suaves, supremos, metafísicos ou simplesmente incompreensíveis — leva-nos a afirmar que este pintor, de uma forma fascinante, nos ajuda ao confronto com as outras realidades que em nós coabitam.

A inquietação espiritual que atravessa a obra de VICTOR BARROS, surge como a força propulsora da sua estética, em que o conceito dirige a técnica, utilizando-a como mero instrumento, o que constitui, *à priori*, garante de um futuro promissor de realização.

Setembro de 1991

*Teresa de Almeida d'Eça*

Conservadora do Museu dos Biscaínhos